

# O Vocativo em Português Europeu: Estudo de Parâmetros Prosódicos em Vocativos com Diferentes Distribuições

*Silvana Abalada, Vera Cabarrão & Aida Cardoso*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

## Abstract

In this paper, we argue that the vocative in European Portuguese has different prosodic properties according to its syntactic distribution. In order to prove this, we have built a corpus and analyzed the intonation contours associated to the vocative and the boundary's strength between this constituent and the sentence. Our data shows that the vocative's distribution plays a crucial part in its prosodic characterization, since the vocative has distinctive prosodic characteristics depending on its distribution. The asymmetry found in the behaviour of vocatives allows us to stress the differences between initial versus medial and final vocatives.

**Keywords:** Vocative, Prosodic Properties, Syntactic Distribution.

**Palavras-chave:** Vocativo, Propriedades Prosódicas, Distribuição Sintáctica.

## 1. Introdução

O presente trabalho consiste num estudo sobre o vocativo em Português Europeu (PE) numa perspectiva prosódica. O estudo em causa baseia-se, então, na análise dos parâmetros prosódicos tom e índice de ruptura nesse constituinte em diferentes distribuições: inicial, medial e final.

Na tradição gramatical, o vocativo é definido como um elemento que serve “para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou uma coisa personificada” (Cunha & Cintra, 2000: 160). Além disso, os constituintes com função sintáctica de vocativo são apresentados como elementos que têm uma “entoação exclamativa” (Cunha & Cintra, 2000: 161) e que estão “isolados do resto da frase” (Cunha & Cintra, 2000: 161). Já na perspectiva da gramática generativa, o vocativo é definido como um constituinte que “ocorre em posição periférica na frase” (Mateus *et alii*, 2003: 457), sendo definido como uma “função sintáctica desempenhada por um constituinte que não controla a concordância verbal e que é utilizada em contextos de chamamento ou interpelação do interlocutor. O vocativo ocorre muito frequentemente em frases imperativas, interrogativas e exclamativas” (*Dicionário Terminológico*).

À semelhança do que acontece em PE, também em estudos para outras línguas (*e.g.*, o Catalão e o Inglês Britânico) se verifica que a caracterização do vocativo é marcada pela relação deste constituinte com a frase, sendo, nesse sentido, analisado

dentro de um conjunto de elementos designados “extrafrásicos”, “periféricos” ou “parentéticos” (Astruc, 2003, 2005; Astruc-Aguilera & Nolan, 2007; Dehé & Kavalova, 2007; Dehé, 2009a, 2009b; Gussenhoven, 2004; Prieto, 2002; Wichmann, 2000).

Tendo em conta que as descrições anteriores caracterizam o vocativo tanto do ponto de vista sintáctico como prosódico, o principal objectivo deste estudo é verificar se existem ou não diferenças prosódicas, ao nível dos parâmetros tom e índice de ruptura, relacionadas com a distribuição sintáctica do vocativo.

Sendo assim, a hipótese central para este estudo é a de que existem, de facto, diferenças prosódicas decorrentes da posição do vocativo na frase. Tais diferenças aproximam o vocativo em posição medial do vocativo em posição final por oposição ao que ocorre em início de frase, como proposto por Astruc (2003, 2005), Astruc-Aguilera & Nolan (2007) e Prieto (2002), para o Catalão e o Inglês Britânico.

A motivação subjacente a este trabalho compreende, assim, dois aspectos. O primeiro prende-se com o facto de o vocativo se encontrar, a nível prosódico, pouco estudado para PE, sobretudo em contexto frásico, comparativamente a outras línguas. O segundo, por seu turno, prende-se com o facto de os resultados obtidos neste trabalho poderem ser mais um contributo para a análise dos elementos designados “extrafrásicos”, “periféricos” ou “parentéticos”.

O presente artigo está, então, organizado em cinco partes. Após esta breve introdução do tema, do objectivo do estudo, da hipótese de trabalho e da motivação, na segunda parte, apresenta-se o enquadramento teórico. Na terceira, explicita-se a metodologia adoptada, através da descrição do *corpus* e dos critérios de anotação do mesmo. Na quarta e na quinta, apresentam-se e discutem-se os dados recolhidos, respectivamente. Por último, tecem-se algumas considerações finais, enunciando hipóteses de trabalho futuro.

## **2. Enquadramento Teórico**

### **2.1. Estudos sobre Entoação e Estrutura Prosódica**

Para a presente análise prosódica do vocativo, importa enquadrar este estudo no quadro mais geral da descrição entoacional do PE. Assim sendo, refira-se, primeiramente, o estabelecimento, a partir de dados de leitura, por Viana (1987), da melodia básica frequentemente associada a frases declarativas neutras como “contorno de tipo trapezoidal” – “[BAB]”. Já Frota (2000) concluiu, também a partir de dados de leitura, que a representação tonal mínima da declarativa neutra corresponde a H+L\* Li.

Outro aspecto a ter em conta no âmbito da presente análise diz respeito aos contornos entoacionais associados a outras estruturas. Viana (1987), por exemplo, estabelece o contorno “[AB]” para interrogativas de instanciação e imperativas. Este aspecto revela-se importante, na medida em que, no *corpus* da autora, é neste tipo de frases que surgem vocativos. Assinale-se, contudo, que existem diferenças “sobretudo

rítmicas” (Viana, 1987: 154) entre aqueles dois tipos de frase e que as imperativas com valor de pedido e de ordem também se distinguem, pois, nas primeiras, “o tom alto com asterisco em vez de se associar à última sílaba acentuada, associa-se à primeira” (Viana, 1987: 154 e 156). Adicionalmente, Viana (1987) observou, quanto à organização em constituintes, que “apenas se encontram pausas de demarcação de constituintes deslocados (tópicos) ou de demarcação de vocativos” (Viana, 1987: 99). Ressalve-se, porém, que, segundo a autora, (i) a duração das pausas não é previsível, podendo variar inter e intra enunciado e falante e (ii) as fronteiras das unidades entoacionais não reflectem necessariamente as fronteiras de constituintes sintácticos, não havendo, portanto, isomorfismo entre estrutura prosódica e sintáctica.

Por outro lado, Frota (no prelo) considera que pedidos e ordens, expressos em frases imperativas, apresentam contornos entoacionais distintos. Ao pedido corresponde um H\* L\* L%, em frases com mais de uma palavra, e %H L\* L%, em frases com uma única palavra, e à ordem a sequência (H) H\*+L L%, também associada a estruturas de foco, tal como postulado em Frota (2000). Note-se, ainda, que a autora conclui que o foco é expresso por efeitos de proeminência, mas não através da demarcação de constituintes prosódicos, ou seja, pelo isolamento do constituinte focalizado em relação ao restante material do contínuo sonoro. Na demarcação de constituintes, por seu turno, deve ter-se em conta que interferem factores de peso e complexidade prosódicos e sintácticos (Frota & Vigário, 2001), bem como fenómenos fonológicos, por exemplo, presença ou ausência de fenómenos de sândi externo (Frota, 2000).

Visando a identificação e a caracterização de protótipos entoacionais, Falé (2005) contribui para um maior conhecimento dos contornos entoacionais de frases imperativas, descrevendo que “as sequências imperativas se distinguem [das declarativas] por manter elevados os valores de  $f_0$  nas zonas finais dos enunciados” (Falé, 2005: 343). Apesar disto, foram identificadas, a partir de testes perceptivos, como imperativas, frases com contornos entoacionais diversos, pelo que não se pôde afirmar a existência de uma categoria entoacional imperativa. Falé (2005) afirma ainda, tal como Viana (1987) e Frota (no prelo), que “existem sequências imperativas no *corpus* que veiculam diferentes forças pragmáticas: ordens e pedidos. As diferenças entre estas imperativas são muito claras: as primeiras exibem variação de  $f_0$  mais ampla, com valores de *gama de variação* e de  $f_0$  médio mais elevados; as segundas situam-se num nível de  $f_0$  mais baixo.” (Falé, 2005: 253).

Num trabalho posterior, Falé & Faria (2007), com base em dados de produção e percepção, retomam o estudo de protótipos entoacionais, afirmando a existência de uma categoria imperativa. As autoras salientam que a categoria imperativa está relacionada com valores de  $f_0$  elevados e com um contorno entoacional que se caracteriza por um movimento ascendente inicial e por um movimento final descendente de grande amplitude. Para além disso, Falé & Faria (2007) concluem que existem diferenças

prosódicas entre actos ilocutórios com valor de ordem e de pedido, uma vez que os primeiros apresentam valores de  $f_0$  mais elevados.

No âmbito da descrição prosódica do PE, é ainda de salientar o sistema de anotação *Towards a P\_ToBI* (Viana *et alii*, 2007) que, na esteira de Silverman *et alii* (1992), procurou ser uma primeira representação fonológica para o PE, articulando perspectivas de autores com abordagens teóricas e objectivos de análise distintos na descrição da entoação e da estrutura prosódica do PE.

Deste modo, e em relação ao fraseamento prosódico, Viana *et alii* (2007) destacam para o PE Padrão, a partir de dados de leitura e de fala espontânea em diferentes situações comunicativas, dois níveis: o sintagma entoacional maior e o sintagma entoacional menor, referindo que estes se encontram associados a diferentes índices de ruptura. Neste sentido, propõe-se no *Towards a P\_ToBI* (Viana *et alii*, 2007) que ao sintagma entoacional maior corresponde uma ruptura de nível 4 e ao sintagma entoacional menor uma de nível 3, pois na fronteira do primeiro há uma amplitude de  $f_0$  e um alongamento final maiores do que na fronteira do segundo. Advirta-se, aqui, para o facto de no *Towards a P\_ToBI* (Viana *et alii*, 2007), ao se adoptar a divisão entre sintagma entoacional maior e menor, não se assumir a existência de um *intermediate phrase* (como estabelecido para o Inglês no ToBI (Beckman *et alii*, 2005)) para o PE.

Neste contexto, foram também atribuídos contornos entoacionais a diferentes estruturas, nomeadamente (i) declarativas em contexto neutro (H+L\* L%) e de foco (H\*+L L%) e (ii) sintagmas entoacionais em início de declarativa ou internos ((%H) L\*+H H%) e sintagmas entoacionais pré-finais em declarativas (H+L\* H% e H+L\* L%). A partir da atribuição de diferentes contornos entoacionais a diferentes estruturas, pôde ainda afirmar-se a existência de uma relação entre entoação, estrutura prosódica e significado. A título de exemplo, saliente-se que os contornos associados aos sintagmas entoacionais em início de declarativa ou internos indicam continuidade, como pode ocorrer antes de parentéticas (Viana *et alii*, 2007).

## 2.2. Estudos sobre o Vocativo

Nos últimos anos, o vocativo tem vindo a ser analisado em diferentes quadros teóricos, a par de um conjunto heterogéneo de outros elementos (*e.g.*, apostos, *comment clauses*, constituintes deslocados, orações adverbiais, orações relativas apositivas e interrogativas *tag*). A adopção de diferentes abordagens teóricas levou ao uso de designações também elas diferentes para esse conjunto de elementos: “parentéticas” (Dehé & Kavalova, 2007; Dehé, 2009a, 2009b), “elementos extrafrásicos” (Astruc, 2003, 2005; Astruc-Aguilera & Nolan, 2007; Gussenhoven, 2004) e “elementos periféricos” (Prieto, 2002).

Independentemente do quadro teórico e designação adoptados, é possível caracterizar aquele conjunto de elementos como expressões que variam na sua categoria e função sintáctica, bem como no seu peso e complexidade sintáctica e prosódica.

Wichmann (2000), advertindo, exactamente, para o facto de aquele conjunto de elementos ser muito diversificado, refere ser expectável a existência de um comportamento prosódico também ele diversificado. A partir da análise do *Spoken English Corpus* (Knowles *et alii*, 1996), a autora afirma que os constituintes interpolados podem ser caracterizados, entre outros aspectos, por um acento tonal mais alto ou mais baixo relativamente à frase ou por contornos ascendentes. Para a caracterização dos constituintes interpolados como elementos associados a contornos ascendentes apontam também os dados do PE descritos por Viana *et alii* (2007) e Frota (no prelo), que atribuem o contorno L\*+H H% a continuidade e a parentéticas.

Partindo também da análise de alguns elementos parentéticos, Dehé (2009b) refere que constituintes como vocativos e interrogativas *tag* não mostram uma tendência para formarem um domínio prosódico independente da frase. Tal facto vai ao encontro da ideia postulada por outros autores (Peters, 2006, *apud* Dehé, 2009b) de que a extensão da parentética influencia o seu fraseamento prosódico, na medida em que constituintes menos extensos terão uma menor tendência para formarem domínios prosódicos independentes. Esta conclusão encontra evidências em dados de fala espontânea, a partir da análise, nas parentéticas, (i) de contornos entoacionais, (ii) da presença e natureza de pausas, (iii) de medidas de  $f_0$  na sílaba átona subsequente ao tom nuclear, (iv) dos alongamentos nas fronteiras e (v) da presença de fenómenos fonológicos.

Já para Astruc (2003), a principal conclusão a reter da análise de elementos extrafrásicos com diferentes padrões distribucionais, em Catalão, é a existência de uma assimetria de comportamento entre elementos iniciais, por um lado, e elementos mediais e finais, por outro. Neste contexto, a autora postula que enquanto os elementos extrafrásicos iniciais formam sempre unidades tonais independentes, sendo, assim, separados por pausas e podendo ter um contorno final ascendente, os elementos extrafrásicos não iniciais podem ou não formar sintagmas independentes. Quando formam sintagmas independentes, os elementos extrafrásicos não iniciais podem ser, então, isolados por pausas, ter acentos tonais ou alongamentos. Relativamente aos contornos entoacionais em particular, ressalve-se que, segundo a autora, os elementos extrafrásicos podem reduplicar o contorno da frase em que estão inseridos.

Numa linha de continuidade com o trabalho anterior, Astruc (2005) e Astruc-Aguilera & Nolan (2007) encontram as mesmas evidências na comparação do Catalão com o Inglês Britânico. Ainda assim, os autores chamam a atenção para a existência de diferenças entre as duas línguas quanto à atribuição de acentos tonais, especificamente, no vocativo em posição final, já que, em Inglês Britânico, este não recebe, na maioria dos casos, acento tonal e, em Catalão, recebe em 50% dos casos.

Ainda em relação à caracterização prosódica do vocativo em Catalão, saliente-se que Prieto (2002) já havia chamado a atenção para o facto de: (i) o vocativo em posição inicial apresentar os mesmos contornos entoacionais que o vocativo isolado e (ii) o vocativo em posições medial e final reproduzir o contorno entoacional da frase a que está associado, mas numa tonalidade mais baixa. No contexto da comparação do vocativo em posição inicial com o vocativo isolado, note-se que a autora destaca o facto de, no isolado, se verificar uma manutenção do tom ao longo das várias sílabas e uma maior duração do constituinte.

No caso do vocativo isolado em PE, Frota (no prelo) descreve dois subtipos: *vocative chant (greeting)* e *low vocative chant (insisting call)*, associando, ao primeiro, a sequência tonal (L+) H\* !H% e, ao segundo, a sequência (L+) H\* L%. Quanto ao *vocative chant (greeting)*, evidencie-se o alongamento vocálico na sílaba tónica, pois este pode conduzir à duplicação da vogal (na ausência de material pós-tónico), sendo que, nos casos de ditongo, é possível a glide ser produzida como vogal.

Na análise do vocativo, importa ainda ter em conta que não são só as diferenças terminológicas acima expostas que determinam a abordagem adoptada, mas também a análise do mapeamento prosódico-sintáctico.

Neste contexto, autores como Astruc (2003, 2005), Astruc-Aguilera & Nolan (2007), Gussenhoven (2004) e Prieto (2002) assumem uma abordagem sintacticamente orientada, defendendo que a estrutura sintáctica determina a forma prosódica. Neste sentido, uma das análises possíveis é a de que o vocativo é um sintagma entoacional se sintacticamente for analisado como um constituinte externo ou relativamente externo à frase a que se encontra associado. Por outro lado, outros autores consideram que a forma prosódica de um constituinte, embora dependa da estrutura sintáctica, depende também de outros factores. Entre esses factores contam-se, segundo Dehé (2009b), “syntactic and prosodic length/complexity/weight, balanced prosodic constituent size, performance factors such as speech rate and style, focus, contrastive prominence, and semantic coherence” (Dehé, 2009b: 3). Esta mesma autora tem vindo assim a incluir na sua análise dos constituintes parentéticos uma perspectiva de interface entre prosódia e pragmática (Dehé & Kavalova, 2007; Dehé, 2009b).

Desta forma, embora vários estudos se centrem mais no mapeamento sintáctico-prosódico, é de salientar que tem vindo a ser recentemente abordada a possível interface entre prosódia e pragmática na análise do vocativo. Alguns autores (*e.g.*, Astruc, 2003, 2005; Astruc-Aguilera & Nolan, 2007; Dehé & Kavalova, 2007; Dehé, 2009a, 2009b; Falé, 2005; Falé & Faria, 2007; Frota, no prelo; Prieto, 2002; Viana, 1987) chamam a atenção para o facto de o vocativo, a par dos outros constituintes designados “extrafrásicos”, “periféricos” ou “parentéticos”, ser motivado pragmaticamente, pelo que pode ter diferentes funções comunicativas. No Inglês Britânico, Wichmann (2000) conclui que a possibilidade de associar diferentes

contornos a elementos parentéticos se pode explicar pelas diferentes funções comunicativas dos mesmos. No Catalão, segundo Prieto (2002), o vocativo com a função de chamar a atenção do ouvinte distingue-se do que tem a função de ordenar, tendo este último uma entoação próxima da correspondente a frases com função de pedido. Em PE, Frota (no prelo) observa que os dois subtipos de vocativo são distintos também do ponto de vista pragmático, pois o *vocative chant* exprime um chamamento, enquanto o *low vocative chant* exprime um chamamento insistente. Por este motivo, ressalve-se que, segundo a autora, o falante deve adequar o uso do subtipo de vocativo ao contexto discursivo-situacional.

### 3. Metodologia

Na construção do *corpus*, foram contemplados três aspectos: as características dos informantes, as variáveis de construção das frases e o processo de recolha dos dados.

Em relação aos informantes, a sua selecção foi realizada com base em quatro factores: sexo, idade, habilitações literárias e variedade do português falado, tendo a opção recaído sobre informantes do sexo feminino, entre os 25 e 30 anos, com um nível de escolaridade superior e falantes da variedade padrão do PE. Complementarmente, garantiu-se que os informantes não tinham qualquer formação em linguística que pudesse viabilizar a identificação do objecto de estudo e, deste modo, condicionar a leitura das frases. Assim sendo, os dois informantes são duas mulheres, doravante designadas CA e TA, de 26 e 28 anos, respectivamente, com habilitações literárias de nível superior e ambas falantes do PE Padrão.

Quanto às variáveis de construção das frases, foi necessário ter em conta três padrões distribucionais para o vocativo: inicial, medial e final, bem como factores de ordem fonológica. Face aos três padrões distribucionais, é necessário advertir para o facto de se entender por vocativo em posição medial um constituinte interpolado, com essa função sintáctica, que ocorre entre o verbo e o seu argumento interno. Nos factores de ordem fonológica, foram controlados o número de sílabas da frase e do vocativo e a posição da sílaba acentuada no vocativo. Assim, optou-se por incluir frases com cinco, sete e dez sílabas (“Vê os animais.”, “Distribui os gelados.” e “Não te esqueças de ligar o rádio.”), de modo a que fosse possível observar se a extensão do material segmental teria repercussões na produção do vocativo. Em relação ao material lexical usado no vocativo, foram escolhidos nomes próprios monossilábicos, dissilábicos e trissilábicos que reflectissem igualmente os três tipos de acentuação do PE: última, penúltima e antepenúltima sílabas (“Gil”, “João”, “Mário”, “Valdemar”, “Maria” e “Mónica”). Com as variáveis tidas em consideração na escolha do material lexical do vocativo, pretendeu-se, então, aferir a influência da constituição silábica e dos padrões de acentuação do PE na forma prosódica destas estruturas. Por seu turno, assinala-se que, na construção dos distratores, se fez uso do mesmo número de sílabas das frases-alvo e,

do ponto de vista sintáctico, de declarativas. Além disso, e para não influenciar as informantes, recorreu-se ao material lexical utilizado nos vocativos, neste caso desempenhando a função sintáctica de sujeito. Procurou-se, ainda, manter as mesmas temáticas das frases-alvo: música, alimentação e animais. No total, o material a ser gravado era constituído por 108 frases (54 frases-alvo e 54 distratores), sendo que cada informante repetiria cada frase uma vez, mas não subsequentemente.

*Maria, distribui os gelados.*  
*Distribui, Maria, os gelados.<sup>1</sup>*  
*Distribui os gelados, Maria.*

Legenda 1: Exemplos de vocativos em contexto frásico retirados do *corpus*.

Para a recolha de dados, realizou-se uma tarefa de leitura de frases motivada por um contexto de eliciação<sup>2</sup>, de modo a tornar a leitura o mais natural possível. O tipo de contexto apresentado às informantes é situacional, conforme o realizado no *Atles interactiu de l'entonació del català* (Prieto & Cabré, 2008). Por último, e já quanto às condições de gravação, fez-se uso de um microfone *Rode NT3*, *software* de gravação *Apple Logic Pro 9*, um misturador de áudio *Soundcraft M4* e um *Apple Macbook Pro*. O material sonoro foi gravado em canal mono, com uma frequência de amostragem de 16000 KHz a 16 bits, sem compressão e em formato *wave*.

Por outro lado, a análise do *corpus* foi realizada no *Praat*, programa de análise de fala de acesso público, e compreendeu a anotação dos parâmetros tom e índice de ruptura (apenas nos vocativos), de acordo com as convenções do sistema *Towards a P\_ToBI* (Viana *et alii*, 2007). Assim, quanto ao tom, adoptou-se uma perspectiva de anotação autosegmental do contorno entoacional do vocativo baseada nos padrões entoacionais descritos para o PE. Já quanto ao índice de ruptura, anotou-se o grau de coesão entre o vocativo e a frase, usando a escala numérica de percepção do grau de coesão entre palavras, para aferir a força das fronteiras<sup>3</sup>. Neste contexto, ao índice 0 corresponde um grau de coesão máximo, regra geral associado a fenómenos de sândi; ao

<sup>1</sup> As frases com vocativo em posição medial suscitam em alguns falantes juízos de gramaticalidade negativos. Porém, a validade da sua integração no *corpus* justifica-se não só pelo facto de outros falantes aceitarem tal construção, como também pelo facto de os falantes com a gramática mais restritiva aceitarem mais facilmente estas estruturas em frases com maior peso sintáctico. Este aspecto parece revelar, nas frases do *corpus*, uma escala ascendente nos juízos de gramaticalidade entre, por um lado, “Vê, Maria, os animais.” e “Distribui, Maria, os gelados.” e, por outro, “Não te esqueças, Maria, de ligar o rádio”.

<sup>2</sup> O contexto de eliciação apresentado às informantes foi o seguinte:

*Imagine que vai fazer uma audição para uma série televisiva, cujo enredo envolve um grupo de amigos.*  
*Nessa audição, o director de casting irá pedir-lhe que leia um conjunto de deixas (as frases em causa) da forma mais natural possível..*

<sup>3</sup> Assim, no vocativo em posição inicial, é considerada a sua fronteira direita; no vocativo em posição medial, as suas fronteiras esquerda e direita; e, no vocativo em posição final, a sua fronteira esquerda.



1, um grau normal de coesão dentro de um constituinte prosódico; ao 3, uma fronteira de sintagma entoacional menor; e, ao 4, uma fronteira de sintagma entoacional maior.

#### 4. Descrição dos Dados

Na presente descrição dos dados, optou-se por uma organização por parâmetros prosódicos, de modo a que primeiro se pudesse caracterizar prosodicamente o vocativo e depois, então, estabelecer relações entre essa caracterização e a sua distribuição.

A análise do parâmetro **tom** revelou que os acentos tonais mais frequentes no *corpus* são H+L\* e L\* (podendo ou não ter um tom fronteira L% ou L-), acentos estes associados a declarativas neutras. Porém, são também de registar as ocorrências de contornos entoacionais associados a outros contextos: *vocative chant (greeting)* – (L+)H\* !H% ou (L+)H\* !H-; *low vocative chant (insisting call)* – H\* L% ou H\* L-; parentéticas – L\*+H; e foco/ordem – H\*+L L% ou H\*+L L-.

		Contornos Entoacionais								Total
		H* H* H- H* H%	(L+) H* !H- (L+) H* !H%	H* L- H* L%	H*+L L- H*+L L%	H*+L* H*+L* L- H*+L* L%	L+H* L+H* H-	L*+H	L* L* L- L* L%	
Informantes	CA	2	24	3	1	31	0	0	47	108
		1,9%	22,2%	2,8%	0,9%	28,7%	0%	0%	43,5%	100%
	TA	14	0	11	1	38	11	6	27	108
13%		0%	10,2%	0,9%	35,2%	10,2%	5,6%	25%	100%	
Total	16	24	14	2	69	11	6	74	216	
	7,4%	11,1%	6,5%	0,9%	31,9%	5,1%	2,8%	34,3%	100%	

Quadro 1: Distribuição dos contornos entoacionais do vocativo por informante.

Refira-se, por outro lado, que há diferenças na ocorrência dos acentos tonais consoante a posição frásica do vocativo. Assim, no vocativo em posição inicial, é de registar um predomínio de acentos tonais altos (H\*), bem como a presença do acento descendente associado à declarativa neutra (H+L\*). Além disso, registre-se que é apenas no vocativo em posição inicial que se verifica a ocorrência de contornos associados a valores de pedido e ordem: *vocative chant (greeting)* ((L+)H\* !H- e (L+)H\* !H%), *low vocative chant (insisting call)* (H\* L- e H\* L%) e foco/ordem (H\*+L L- e H\*+L L%). No vocativo em posição medial, embora se verifique um maior número de acentos tonais baixos, registre-se a ocorrência de acentos descendentes, ascendentes e altos. No vocativo em posição final, é notória a ocorrência de dois tipos de contornos entoacionais: baixos e descendentes, sendo que L\* L% se verifica em maior número.

		Contornos Entoacionais								Total	
		H* H- H* H%	(L+) H* !H- (L+) H* !H%	H* L- H* L%	H*+L L- H*+L L%	H+L* H+L* L- H+L* L%	L+H* L+H* H-	L*+H	L* L- L* L%		
Vocativo	Inicial	CA	2	24	3	1	6	0	0	0	36
			5,6%	66,7%	8,3%	2,8%	16,7%	0%	0%	0%	100%
		TA	7	0	11	1	17	0	0	0	36
			19,4%	0%	30,6%	2,8%	47,2%	0%	0%	0%	100%
	Total	9	24	14	2	23	0	0	0	72	
		12,5%	33,3%	19,4%	2,8%	31,9%	0%	0%	0%	100%	
	Medial	CA	0	0	0	0	12	0	0	24	36
			0%	0%	0%	0%	33,3%	0%	0%	66,7%	100%
		TA	7	0	0	0	4	11	6	8	36
			19,4%	0%	0%	0%	11,1%	30,6%	16,7%	22,2%	100%
	Total	7	0	0	0	16	11	6	32	72	
		9,7%	0%	0%	0%	22,2%	15,3%	8,3%	44,4%	100%	
Final	CA	0	0	0	0	13	0	0	23	36	
		0%	0%	0%	0%	36,1%	0%	0%	63,9%	100%	
	TA	0	0	0	0	17	0	0	19	36	
		0%	0%	0%	0%	47,2%	0%	0%	55,8%	100%	
Total	0	0	0	0	30	0	0	42	72		
	0%	0%	0%	0%	41,7%	0%	0%	58,3%	100%		

Quadro 2: Distribuição dos contornos entoacionais do vocativo por posição na frase e informante.

Relativamente à análise do parâmetro **índice de ruptura**, saliente-se a maior frequência de índices com valor 3 e 4. Faça-se, porém, a ressalva de que, no *corpus*, não existem contextos de sândi na fronteira entre o vocativo em posição inicial e a frase. Quanto a diferenças de ocorrência de índices de ruptura consoante a distribuição do vocativo, mencione-se: (i) o predomínio de índices de ruptura 3 e 4 na fronteira do vocativo em posição inicial; (ii) um maior número de índices de ruptura 3 na fronteira esquerda do que na fronteira direita do vocativo em posição medial; e (iii) a ausência de índices de ruptura 4 no vocativo em posição final.

		Índices de Ruptura						Total	
		IR0	IR1	IR2	IR3	IR4			
Vocativo	Inicial	CA	0	1	0	22	13	36	
			0%	2,8%	0%	61,1%	36,1%	100%	
		TA	0	3	0	23	10	36	
			0%	8,3%	0%	63,9%	27,8%	100%	
	Total	0	4	0	45	23	72		
		0%	5,6%	0%	62,5%	31,9%	100%		
	Medial	Fronteira Esquerda	CA	5	0	0	31	0	36
				13,9%	0%	0%	86,1%	0%	100%
		TA	5	6	0	24	1	36	
			13,9%	16,7%	0%	66,7%	2,8%	100%	
	Total	10	6	0	55	1	72		
		13,9%	8,3%	0%	76,4%	1,4%	100%		
Fronteira Direita	CA	9	12	0	12	3	36		
		25%	33,3%	0%	33,3%	8,3%	100%		
	TA	13	13	0	10	0	36		
		36,1%	36,1%	0%	27,8%	0%	100%		
Total	22	25	0	22	3	72			
	30,6%	34,7%	0%	30,6%	4,2%	100%			
Final	CA	13	8	0	15	0	36		
		36,1%	22,2%	0%	41,7%	0%	100%		
	TA	2	8	0	26	0	36		
		5,6%	22,2%	0%	72,2%	0%	100%		
Total	15	16	0	41	0	72			
	20,8%	22,2%	0%	56,9%	0%	100%			

Quadro 3: Distribuição dos índices de ruptura por posição do vocativo na frase e informante.

## 5. Discussão dos Dados

Tendo em conta a hipótese de existirem diferenças prosódicas decorrentes da distribuição do vocativo em PE, que aproximam o vocativo em posição medial do vocativo em posição final, por oposição ao que ocorre em início de frase (assim como proposto por Astruc, 2003, 2005; Astruc-Aguilera & Nolan, 2007; Prieto, 2002, para o Catalão e o Inglês Britânico), importa discutir alguns dados.

Neste contexto, e embora se verifique que o contorno da declarativa neutra é comum ao vocativo em todas as posições, evidencie-se que o vocativo em posição inicial se caracteriza por um predomínio de acentos tonais altos e, pelo contrário, o vocativo em posição final de acentos tonais baixos. Esta oposição pode ser explicada por uma correspondência entre a posição inicial e final do vocativo na frase e os acentos tonais pré-nucleares e nucleares das declarativas neutras em PE (Viana *et alii*, 2007).

No caso específico do vocativo em posição inicial (ver figuras 1 e 2), é de salientar que as suas características o aproximam das descritas para o vocativo isolado na literatura (Prieto, 2002; Frota, no prelo). Esta aproximação é comprovada: (i) pela existência exclusiva dos contornos atribuídos ao vocativo isolado: *vocative chant (greeting)* e *low vocative chant (insisting call)*; (ii) pela ocorrência também exclusiva de casos de redobro de vogal nos contextos descritos por Prieto (2002) e Frota (no prelo); (iii) pela presença de um maior número de fronteiras de sintagmas entoacionais; e (iv) pela formação exclusiva de sintagmas entoacionais maiores. O maior número de fronteiras de sintagmas entoacionais referido anteriormente revela ainda que o vocativo em posição inicial tem, tal como descrito por Viana (1987), um comportamento semelhante ao dos constituintes topicalizados. Neste contexto, mencione-se a ocorrência, ainda que diminuta, do contorno entoacional associado a foco/ordem em PE (Frota, no prelo), pois este aspecto está de acordo não só com a motivação pragmática subjacente ao vocativo, como foi observado para o Catalão (Prieto, 2002), mas também com a percepção das anotadoras aquando da marcação de contornos entoacionais em algumas ocorrências de vocativo. Tal percepção, por sua vez, poderá justificar-se pelas características atribuídas às imperativas, nomeadamente valores iniciais de  $f_0$  altos e descida final acentuada (Falé, 2005; Falé & Faria, 2007). Note-se ainda que foram identificadas pelas anotadoras características fonéticas de ordem e pedido em início de frase, associadas ao verbo, quando o vocativo ocorre em posição medial ou final.

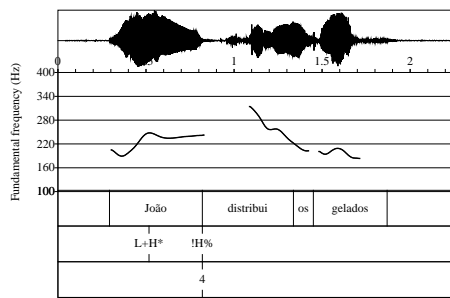


Figura 1: Vocativo em posição inicial com contorno entoacional associado a *vocative chant* (*greeting*), índice de ruptura 4 e redobro de vogal.

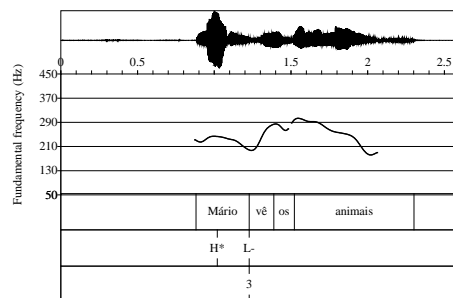


Figura 2: Vocativo em posição inicial com contorno entoacional associado a *low vocative chant* (*insisting call*) e índice de ruptura 3

Quanto ao vocativo em posição medial (ver figuras 3 e 4), registre-se sobretudo a ocorrência de acentos tonais ascendentes, o que está de acordo com a ideia de que aquele é um constituinte interpolado e que, portanto, o seu acento tonal deve sugerir continuidade. Note-se, em particular, que o acento  $L^*+H$  observado no corpus está descrito para o PE como estando associado a continuidade e a parentéticas (Viana et alii, 2007; Frota, no prelo). Outro aspecto relevante é a presença de acentos tonais mais altos e mais baixos (abaixamento tonal) face à frase, facto que confirma os dados encontrados para o Inglês por Wichmann (2000). Ainda em relação ao vocativo em posição medial, note-se a ocorrência de um maior número de índices de ruptura 3 e 4 na fronteira esquerda do que na direita, o que parece sugerir que, no presente corpus, o vocativo em posição medial se associa tendencialmente ao material que ocorre no final da frase. Este aspecto parece, por outro lado, corroborar que o comportamento do vocativo em posição medial se aproxima ao do vocativo em posição final, contrastando o comportamento destes dois com o do vocativo em posição inicial. Tal aspecto é visível também na maior tendência do vocativo em posição inicial para formar um sintagma entoacional independente, ao contrário do vocativo em posição medial e final.

Importa aqui considerar a maior tendência para a ocorrência de índices de ruptura 3 e 4 quanto maior for o número de sílabas do vocativo, bem como uma maior tendência para a fronteira esquerda ter uma ruptura mais forte quanto maior o número de sílabas do vocativo. Tal aspecto parece sugerir que a extensão do material lexical que compõe o vocativo pode condicionar o fraseamento prosódico (Frota, 2000; Frota & Vigário, 2001; Frota, no prelo). Neste contexto, poder-se-á colocar a hipótese de ser produtivo controlar determinados aspectos relacionados com a complexidade e extensão tanto do material que compõe o vocativo (e.g., integrar vocativos em estruturas coordenadas e/ou antecedido pela interjeição “ó”) como da frase (integrar frases com estruturas subordinadas) (Frota & Vigário, 2001; Dehé, 2009b).

O VOCATIVO EM PORTUGUÊS EUROPEU: ESTUDO DE PARÂMETROS PROSÓDICOS EM VOCATIVOS COM DIFERENTES DISTRIBUIÇÕES

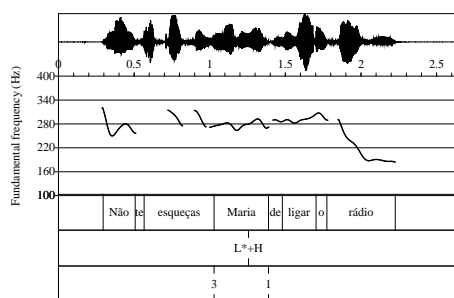


Figura 3: Vocativo em posição medial com contorno entoacional associado a parentética e índice de ruptura 3 na fronteira esquerda.

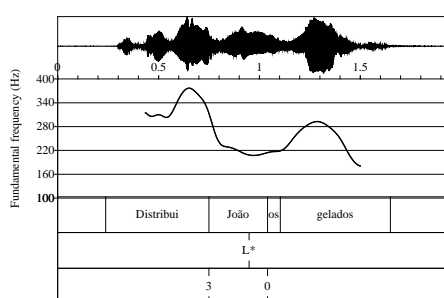


Figura 4: Vocativo em posição medial com abaixamento tonal face à frase.

Já quanto ao vocativo em posição final (ver figura 5), assinala-se que o seu comportamento permite aproximá-lo de constituintes que também podem ocorrer em final de frase, como *comment clauses*. A referida aproximação é visível não só no predomínio de acentos tonais descendentes e baixos, mas também na menor tendência para a formação de sintagmas entoacionais independentes da frase. Além disso, tal como no vocativo em posição medial, verifica-se aqui uma maior tendência para a ocorrência de índices de ruptura 3 e 4 quanto maior for o número de sílabas do vocativo, bem como uma maior tendência para a fronteira esquerda ter uma ruptura mais forte quanto maior o número de sílabas do vocativo.

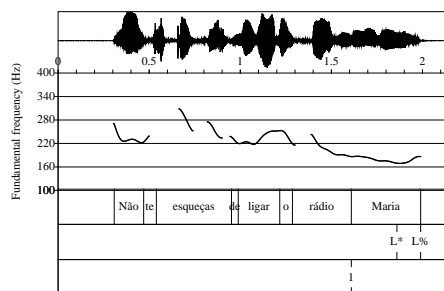


Figura 5: Vocativo em posição final com contorno entoacional baixo e índice de ruptura 1.

Um outro aspecto que poderá aproximar o vocativo em posição medial do vocativo em posição final será a reduplicação no vocativo do contorno entoacional da frase a que este se encontra associado, assim como defendido por Prieto (2002) para o Catalão.

Desta forma, poder-se-á defender uma aproximação do vocativo em posição medial ao vocativo em posição final, por oposição ao que ocorre em início de frase, confirmando-se, assim, a existência de diferenças prosódicas decorrentes da distribuição

do vocativo em PE. No contexto da relação sintaxe-prosódica, poder-se-ia igualmente discutir se e de que forma o estatuto periférico ou não deste constituinte, consoante a sua posição frásica, poderia determinar a sua forma prosódica. Se parece não haver dúvida de que o vocativo em posição inicial ocorre na periferia esquerda da frase, o mesmo não se pode afirmar para o vocativo em posição final em relação à periferia direita. Esta questão coloca-se pelas diferenças de comportamento entre os vocativos nestas duas posições quanto à formação de sintagmas entoacionais maiores. Por outro lado, importa discutir se o vocativo em posição medial é, de facto, um constituinte interpolado ou se se encontra em final de frase. Para aferir tal aspecto, seria, pois, produtivo debater a derivação sintáctica destas estruturas, tanto quanto ao local (periférico ou não) como quanto à forma de adjunção desse constituinte.

Apesar das diferenças, os dados revelam que, qualquer que seja a posição, o vocativo não forma sempre um sintagma entoacional independente. Note-se que este aspecto vai ao encontro da ideia de que, embora a estrutura prosódica do vocativo possa ser influenciada pela estrutura sintáctica, aquela depende também de outros factores, não havendo, por conseguinte, isomorfismo entre sintaxe e prosódia, tal como descrito por vários autores (Dehé, 2009b; Peters, 2006, *apud* Dehé, 2009b; Viana, 1987).

## 6. Conclusões

O vocativo em PE apresenta diferentes características prosódicas, sendo estas decorrentes da sua distribuição. Tais diferenças sugerem uma aproximação do comportamento do vocativo em posição medial ao do vocativo em posição final, por oposição ao que ocorre em início de frase, que apresenta um comportamento mais próximo do vocativo isolado (Astruc, 2003, 2005; Astruc-Aguilera & Nolan, 2007; Prieto, 2002; Frota, no prelo).

Por outro lado, as características do vocativo consoante a sua posição frásica permitem uma comparação a outros elementos que ocorrem tipicamente nas mesmas posições, como constituintes topicalizados, parentéticas e *comment clauses*.

Além disso, destaquem-se dois aspectos que se prendem com as relações estabelecidas entre a caracterização prosódica do vocativo e a caracterização sintáctica e pragmática do mesmo. Primeiro, o vocativo parece apresentar uma motivação pragmática, pois diferentes funções comunicativas estão associadas a diferentes características prosódicas, tal como defendido para diversas estruturas por Viana (1987), Falé (2005), Falé & Faria (2007) e Frota (no prelo). Segundo, a estrutura prosódica do vocativo, embora possa ser influenciada pela estrutura sintáctica, depende também de outros factores. Assim sendo, não se pode admitir a existência de isomorfismo entre sintaxe e prosódia (Dehé, 2009b; Peters, 2006, *apud* Dehé, 2009b; Viana, 1987).

Neste sentido poder-se-ia equacionar como uma possível linha de trabalho a comparação das características prosódicas do vocativo em cada distribuição com outros

elementos que ocorrem tipicamente nessas posições, bem como a exploração dos valores discursivos dos vocativos no contexto da relação sintaxe-prosódia.

### Agradecimentos

Durante a realização deste trabalho, contámos com a ajuda de várias pessoas. Assim, gostaríamos de agradecer à Prof. Doutora Sónia Frota, que orientou inicialmente este trabalho, no âmbito do seminário de Fonética: Prosódia, do Mestrado em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; à Prof. Doutora Ana Isabel Mata, pela ajuda no desenvolvimento deste trabalho; à Prof. Doutora Ana Lúcia Santos e à Helena Moniz, pelos comentários e críticas durante a redacção do artigo; e aos membros do ANAGRAMA, por todas as sugestões que permitiram enriquecer este trabalho. Além disso, não podemos deixar de agradecer à TA e à CA, as duas informantes que sem qualquer hesitação gravaram o *corpus*, bem como ao João Miguel Santos, o técnico de som que acompanhou a gravação dos dados com amabilidade inesgotável.

### Referências

- Astruc, Lluïsa (2003) Sentence external elements in Catalan. In Pilar Prieto (ed.) *Catalan Journal of Linguistics 2, Special Issue on Romance Intonation*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Astruc, Lluïsa (2005) The form and function of extra-sentential elements. In Faye Chalcraft & Efthymios Sipezidis (eds.) *Cambridge Occasional Papers in Linguistic 2*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Astruc-Aguilera, Lluïsa & Francis Nolan (2007) Variation in the intonation of extra-sentential elements. In Pilar Prieto, Joan Mascaró & Maria Josep Solé (eds.) *Segmental and prosodic issues in Romance phonology*. Amsterdam: John Benjamins.
- Beckman, Mary & Janet Pierrehumbert (1986) Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, 3.
- Beckman, Mary *et alii* (2005) The Original ToBI System and the Evolution of the ToBI Framework. In Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology. The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press.
- Boersma Paul & David Weenink (2009) *Praat: doing phonetics by computer*. In <http://www.praat.org/>.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra (2000) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Dehé, Nicole & Yordanka Kavalova (2007) Parentheticals: An introduction. In Nicole Dehé & Yordanka Kavalova (eds.) *Parentheticals*. Amsterdam: John Benjamins.
- Dehé, Nicole (2009a) Parentheticals. In Louise Cummings (ed.) *Pragmatics Encyclopedia*. New York: Routledge.
- Dehé, Nicole (2009b) Clausal parentheticals, intonational phrasing, and prosodic theory. *Journal of Linguistics* 45 (3).
- Dicionário Terminológico*. In <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>.
- Falé, Isabel (2005) *Percepção e Reconhecimento da Informação Entoacional em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, FLUL.
- Falé, Isabel & Isabel Hub Faria (2007) Imperatives, orders and requests in European Portuguese Intonation. In Jürgen Trouvain & William Barry (eds.) *Proceedings of the 16th International Congress of Phonetic Sciences*. Saarbrücken.
- Frota, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese*. New York & London: Garland Publishing.

- Frota, Sónia & Marina Vigário (2001) Efeitos de peso no Português Europeu. In *Saberes no Tempo - Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri.
- Frota, Sónia (no prelo) The intonational phonology of European Portuguese. In Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology II: The Phonology and Intonation of Phrasing*. Oxford: Oxford University Press.
- Gussenhoven, Carlos (2004) *The Phonology of Tone and Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hirschberg, Julia & Jante Pierrehumbert (1986) The intonational structuring of discourse. *The 24<sup>th</sup> Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics. Proceedings of the Conference*. New York: Columbia University.
- Knowles, Gerry *et alii* (eds.) (1996) *Working with Speech*. London: Longman.
- Mateus, Maria Helena Mateus *et alii* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mata, Ana Isabel (1999) *Para o Estudo da Entoação em Fala Espontânea e Preparada no Português Europeu: Metodologias, Resultados e Implicações Didáticas*. Dissertação de Doutoramento, FLUL.
- Pierrehumbert, Janet & Julia Hirschberg (1990) The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In Cohen, Philip *et alii* (eds.) *Intentions in communication*. Cambridge: MIT Press.
- Prieto, Pilar (2002) Entonació. In Joan Sòla, María Rosa Lloret, Joan Mascaró & Manuel Pérez Saldanya (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Barcelona: Editoria Empúries.
- Prieto, Pilar & Teresa Cabré (2008) *Atlas interactiu de l'entonació del català*. In <http://prosodia.uab.cat/atlesentonacio/index.html>.
- Silverman, Kim *et alii* (1992) ToBI: a standard for labeling English prosody. In *Proceedings of ICSLP'92*. Banf.
- Viana, Maria do Céu (1987) *Para a Síntese da Entoação do Português*. Dissertação de Doutoramento, FLUL.
- Viana, Maria do Céu *et alii* (2007) Towards a P\_ToBI. In <http://www.ling.ohio-state.edu/~tobi/>.
- Wichmann, Anne (2000) *Intonation in Text and Discourse: Beginnings, Middles and Ends*. Harlow: Longman / Pearson Education.